

NA IMINÊNCIA DA CATÁSTROFE: O GOVERNO PELO MEDO NOS DISCURSOS DA MÍDIA

(On the verge of a catastrophe: the government of fear in media discourse)

Francisco Vieira da Silva¹
(Universidade Federal da Paraíba- UFPB)

ABSTRACT

The aim, through language resources, is to analyze how the discourse of fear is operationalized in the media thorough language resources, constituted within strategies that outline the actions from the Government of Self and Others (Foucault, 2010a), produced by various social institutions in which the media stands out. The analysis is based on Michel Foucault's theoretical approach, notably the discourse notions of knowledge and power, the subject and the Government of Self and Others and safety devices. The analysis suggests that, through linguistic-discursive resources, the media construes meanings that determine precautionary measures at risk situation.

Keywords: *discourse of fear; media; safety device; linguistic-discursive resources.*

RESUMO

Neste artigo, por meio de recursos da língua, interessa-nos analisar o funcionamento do discurso do medo na mídia, concebido no interior de estratégias que demarcam a atuação um governo de si e do outro (FOUCAULT, 2010a), produzido por diversas instituições sociais, das quais a mídia apresenta uma posição privilegiada. A análise ampara-se na abordagem teórica de Michel Foucault, notadamente a partir das noções de discurso, de saberes e poderes, de sujeito e do governo de si e dos outros e do dispositivo de segurança. A análise sugere que, mediante recursos de natureza linguístico-discursiva, a mídia constrói sentidos que orientam os cuidados a serem tomados em situações de risco.

Palavras-chave: *discurso do medo; mídia. Dispositivo de segurança, recursos linguístico-discursivos.*

Introdução

*Depois morreremos de medo.
E dos nossos túmulos nascerão flores amarelas e medrosas.
(Carlos Drummond de Andrade, 2002)*

*Deixo de lado o vulgo, a quem ele mostra ora os bisavós saídos do túmulo, envolto em seus sudários, ora lobisomens, duendes e quimeras. Mas, entre os próprios soldados, onde deveria encontrar menos espaço, quantas vezes transformou um rebanho de ovelhas em esquadrão de couraceiros? juncos e caniços em homens armados e lanceiros? nossos amigos em nossos inimigos? e a cruz branca na vermelha?
(Montaigne, 2002, p.110)*

Ambas as epígrafes acima, ainda que apartadas por uma substantiva diferença temporal, do ponto do momento histórico em que foram produzidas, discursivizam um mesmo

¹ Doutorando em Linguística junto à Universidade Federal da Paraíba.

aspecto: o medo. Situado no ponto de entrecruzamento das ânsias individuais com as preocupações de ordem coletiva (DELUMEAU, 2009), o medo, desde tempos imemoriais, suscita inquietações filosóficas, desarticula a aparente tranquilidade dos homens, desde o sujeito que teme os mistérios da natureza em lugares longínquos, no tempo e no espaço, até aquele que se preocupa com suas angústias na janela do apartamento de uma grande cidade. De todo modo, o medo está intrinsecamente atrelado à constituição da natureza humana ao longo da história, e, embora persistam alguns tipos de medo, outros surgem, em decorrência de determinadas contingências sociais e culturais, típicas dos dias de hoje. Só para citarmos algumas dessas transformações no cerne da cultura do medo, vale salientar que assistimos a uma contínua supressão do medo matizado pelo espectro do mito, do fantasioso, do quixotesco (EGIDO, 2006), o medo de que fala Montaigne na segunda epígrafe deste texto, ante a proeminência dos efeitos de temor advindos das evidências científicas, calculáveis e, portanto, irrefutáveis, aos olhos do senso comum e do mitológico. Em síntese, ressignificando os dizeres de Lucien Febvre, Bauman (2008, p.9) diagnostica: “Vivemos de novo uma era de temores”.

Nesse sentido, Courtine (2008) argumenta que, nos últimos anos, o dispositivo midiático tem lançado mão de uma série de estratégias discursivas que sinalizam para uma intermitente sensação de pânico, advinda dos mais diferentes lugares, de modo a delinear a construção de um governo pelo medo, donde derivam determinadas formas de subjetividade, emolduradas de acordo com a necessidade de temer e de se precaver dos mais diversos perigos que nos espreitam. Seguindo esse raciocínio, as considerações de Courtine (2008) permitem-nos constatar que, ultimamente, de modo mais vigoroso, emergiu uma série de condições de possibilidade responsáveis pela aparição de uma gama de discursos acerca do medo, tanto num nível mais global, quanto no âmbito mais local. Indubitavelmente, os ataques terroristas de onze de setembro de dois mil e um instauraram uma atmosfera de pavor por todo o globo, devido, principalmente, à midiatização a que esse acontecimento atrelou-se (GREGOLIN, 2003). Além disso, as revelações apocalípticas engendradas pelos discursos em torno do aquecimento global acentuam ainda mais esse cenário de pânico em que se aglutinam a iminência de desastres e catástrofes naturais com o recrudescimento dos conflitos armados em escala planetária. Nas palavras de Courtine (2008): “Para qualquer lado que voltemos, parece que podemos prolongar infinitamente a lista de medos contemporâneos” (p.17).

Num nível mais local, aqui pensando no cenário brasileiro, convém atentarmos para uma variedade de estratégias discursivas demandadas pela mídia, nos seus diferentes desdobramentos, as quais estabilizam determinados sentidos em torno dos perigos incrustados na questão da violência urbana, de modo a sugerir que ninguém está incólume aos efeitos maléficos desse problema, sempre colocado num viés da falta de segurança e de proteção (cf. BAUMAN, 2008). Junte-se a isso a intensificação da nosofobia, em que a mídia se esforça em apontar tanto o caos do sistema público de saúde brasileiro, como em exercer, na confluência com as práticas biopolíticas (FOUCAULT, 2005a), a condução de políticas da vida, ancoradas em saberes que sinalizam para os riscos, comum a todos os sujeitos, e dos quais não há como escapar. Em última instância, temos o velho e inevitável medo da morte atravessando a construção desses discursos, pois, embora apontem para o avanço inexorável da ciência, no que concerne à cura das mais diversas doenças, bem como para o aprimoramento dos mecanismos de segurança e de vigilância (BAUMAN, 2013), ninguém está totalmente seguro e isento de ser vitimado por toda sorte de crimes e de enfermidades. O desenvolvimento científico e tecnológico não trouxe consigo a tão desejada segurança total, de que fala Bauman (2008), pois os anseios contemporâneos não cessaram, pelo contrário, estão cada vez mais presentes.

Partindo dessas problematizações, interessa-nos analisar o funcionamento do discurso do medo na mídia, concebido no interior de estratégias que demarcam a atuação um governo de si e dos outros (FOUCAULT, 2010a), produzido e mantido por diversas instituições sociais, das quais a mídia apresenta uma posição privilegiada. Objetivamos investigar, a partir da análise de determinadas materialidades midiáticas, o modo como se engendram um discurso pedagogizante, atravessado sobremaneira pelo espectro do medo. O funcionamento desse discurso pode ser flagrado por meio de pistas linguísticas, seja no uso dos modalizadores, seja na escolha e estruturas linguísticas que “discursivizam” aspectos do medo.

1. Por uma brevíssima genealogia do medo

Gostaríamos de encetar a presente discussão através de uma ótica que privilegia um retorno à história, não com o intuito de buscar uma origem, senão rastrear o emaranhado de descontinuidades históricas (FOUCAULT, 2005b), responsável pelo aparecimento e

transformação de certas práticas e discursos concernentes ao medo. Para isso, seguimos as pegadas investigativas de autores como Delumeau (2009) e Bauman (2008), a respeito de um percurso do medo no decorrer da história, a fim de subsidiar nosso exercício analítico, ancorado principalmente nas teorizações foucaultianas concernentes ao discurso, aos saberes e poderes, ao sujeito e ao governo de si e dos outros e ao dispositivo de segurança tomando algumas discursividades da mídia como objeto de estudo.

Ao traçar um inventário em torno do medo na cultura ocidental, no período histórico compreendido entre o século XIV e os alvares do século XIX, Delumeau (2009) pinta um vasto painel dos principais medos presentes nesse intervalo temporal, destacando os diversos esforços individuais e coletivos, voltados a expurgá-los. Desde o medo escatológico, o medo de seres míticos e fantásticos, de fantasmas e monstros, passando pelo receio dos mares, até chegarmos a medos tidos como mais concretos, como o medo da peste negra, dos hereges, dos subversivos, dos forasteiros, das mulheres, dos mulçumanos, dos judeus, das feiticeiras, dentre outros, as reflexões do autor citado radiografam os variados medos existentes nos redemoinhos da história.

Antes de pensarmos nas configurações dos medos contemporâneos, é candente volvermos o olhar para a constituição de discursos sobre o medo, ao longo do tempo. Nessa medida, Delumeau (2009) argumenta que historicamente pairou uma aura de silêncio em torno do medo, principalmente no âmbito da tradição historiográfica. Segundo esse autor, da Antiguidade até a data recente, sobretudo no período da Renascença, o discurso literário, por exemplo, esforçou-se por retratar a valentia e sagacidade dos heróis, de modo que o medo passou a ser concebido como o reduto do tabu e do embaraço. Embora o sentimento de medo seja atemporal, pois está incrustado na natureza humana, do ponto de vista instintivo, a história o enxertou de modo fulcral no terreno do fracasso e da desonra, logo, negligenciado das abordagens investigativas desse campo do saber, refletindo, portanto, as aspirações e as contingências de um dado período histórico, pois, conforme preconiza Bauman (2005), a história inexistente sem essa seleção dos fatos a serem contados, o que reflete na emergência de certos acontecimentos e no apagamento de outros.

Delumeau (2009) nos fala que, a despeito dessa pouquíssima representatividade do medo na construção de uma tradição historiográfica, é indisfarçável constatar que o medo perpassou todo o desenrolar da história ocidental, principalmente a partir do pânico escatológico advindo das profecias que apontavam para o fim dos tempos no ano mil. Desse

modo, os prognósticos de ordem judaico-cristã, assentados nos diversos textos apocalípticos, na confluência com as inúmeras outros relatos de povos, localizados em variados lugares do mundo, instauraram uma aura de pânico coletivo, cujos efeitos podem ser notados até os dias de hoje, embora seja numa menor proporção. Basta lembrarmos, por exemplo, de um episódio recente: o receio midiático advindo de uma possível destruição do mundo em 2012. O burburinho proveniente de uma profecia da civilização maia foi o suficiente para engendrar toda uma espetacularização de um risco iminente de desaparecimento total do planeta. Filmes, séries, programas humorísticos, anúncios publicitários e demais textualidades midiáticas trataram de (con)fundir a ficção e a vida real, apontando para uma possibilidade escatológica pós-moderna. Apesar de não negarmos que esse acontecimento discursivo provocou receio nos sujeitos contemporâneos, salta aos olhos o modo como tal acontecimento foi concebido sob o viés do *show* midiático, numa curiosa mistura entre diversão e advertência (COURTINE, 2008), o que pode atenuar, portanto, a possível veracidade da profecia, ou mesmo denegá-la, pois o mundo, de fato, não acabou.

Desse exemplo, é possível depreender as relações estabelecidas entre os sujeitos e as formas de combater os medos. Seja por meio da derrisão, seja através do uso de determinadas estratégias, com vistas a se safar de certas situações de perigo, conforme será destacado adiante, entendemos que à medida que o medo se instala, erigem-se formas de suprimi-lo. As proladadas técnicas demandadas para espantar fantasmas e vampiros (cf. DELUMEAU, 2009), hoje cada vez mais circunscritas ao universo ficcional, transmutam-se numa série de orientações voltadas a disciplinar nosso comportamento ante os efeitos funestos da violência urbana. Em síntese, concordamos com Milanez (2011), quando assinala que o discurso do medo se desmembra em mecanismos disciplinares, os quais geram formas de controle.

Nesse sentido, os cuidados profiláticos a serem tomados a fim de evitar os danos insuflados por doenças, tragédias e outros incidentes igualmente destrutivos suscitam a produção de um poder disciplinar (FOUCAULT, 1999), incidido sobre os corpos e as subjetividades. Os meios de prevenção e de enfrentamento dos medos de que temos a nossa disposição (cf. BAUMAN, 2008) alicerçam-se em posturas e comportamentos calculistas, a serem meticulosamente postos em práticas em situações de perigo. Na esteira das reflexões de Bauman (2008), entendemos que os medos atuais recobrem aspectos práticos da vida contemporânea, como o medo do desemprego, do abandono, do esquecimento, da pobreza, da depressão, da indiferença, dos pervertidos, da gordura, da inflação, dentre outros, numa

miríade de receios intrínsecos aos tempos hodiernos. Para cada um desses temores, é possível se precaver, por meio de práticas restauradoras de um governo de si, como, por exemplo, ser essencialmente produtivo no trabalho, visando minimizar as chances de demissão, ou ainda fazer dietas e praticar exercícios físicos, com vistas a não engordar. Nesse ínterim, a mídia, em suas diferentes configurações, exerce um papel preponderante, no sentido de retroalimentar essa cultura do medo.

Em linhas gerais, o discurso do medo aninha a atuação de um dispositivo de segurança (FOUCAULT, 2008), em que se supõe a consecução de estratégias de um poder que incorre sobre a vida, que trabalha por meio de intervenções e de controles regulares, através de uma intrincada rede de saber-poder, conforme esclarece Sousa (2014). Ao estudar o dispositivo de segurança, Foucault (2008) salienta que a população constitui o objeto e o sujeito sobre o qual se volta esse dispositivo. A fim de ilustrar essa questão, Foucault (2008) assegura que a organização das cidades, a partir do século XVIII, em virtude da urbanização, visa a fazer funcionar um tipo de controle/governo bastante preciso sobre a população, não prescindindo de utilizar-se de estratégias responsáveis por difundir o medo em relação aos que fogem da norma, como os loucos, os mendigos, os criminosos, os leprosos e demais tipos de abjeção, os quais são alvo comum de um poder que estratifica, higieniza e “protege”, no intuito de minimizar roubos e doenças e permitir a livre circulação de pessoas e mercadorias. Para Foucault (2008), o dispositivo de segurança pauta-se, portanto, num conjunto de medidas legislativas, decretos, regulamentos, circulares, dentre outros mecanismos, responsáveis por engendrar uma determinada mecânica de poder, não mais voltada ao príncipe ou ao seu território, mas à população e aos que a governam.

Tendo como pressuposto as discussões ora desenroladas, objetivamos, nas seções seguintes, analisar alguns discursos da atualidade, com a finalidade de perscrutar o funcionamento de um governo do medo, a partir do qual emana a produção de certos modos de ser e estar num momento histórico demarcado pela obsessão por segurança. Alicerçamo-nos ainda na visada teórica foucaultiana, conforme demonstraremos adiante.

2. Facetas do medo na mídia

Bauman (2008), de um modo bastante enfático, define o medo como “o mais sinistro dos muitos demônios que se aninham nas sociedades abertas de nossa época” (p.167).

Tomando as diferentes vitrines da mídia como um ponto de observação, é possível antever como os telejornais, os jornais e revistas impressos, os documentários, filmes e demais produtos midiáticos, de maneira vertiginosa, produzem uma gama de sentidos concernentes ao medo na contemporaneidade. Seguindo a proposição de Fischer (2012), entendemos que a mídia não apenas informa ou entretém, como produz sujeitos e significações, incita determinados modos de agir e comportamentos, a partir de posicionamentos que engendram formas de governo de si e dos outros (FOUCAULT, 2010a).

Na proposta teórico-metodológica de Foucault (2010b), convém analisar os discursos, a partir do elemento nuclear que o caracteriza, o enunciado, concebido na leitura de Courtine (2009), como o grão, o átomo do discurso. Tal análise deve atentar, principalmente, para as seguintes propriedades: i) o enunciado está ligado a um referencial, que define uma instância de diferenciação e as relações postas em jogo pelo próprio enunciado; ii) o enunciado mantém com o sujeito uma relação determinada, sendo necessário definir a posição do sujeito que enuncia, entendido não como o sujeito gramatical, mas uma posição a ser ocupada por diferentes indivíduos; iii) o enunciado possui um domínio associado, pois ele aparece como um elemento singular, numa cadeia de outras formulações; iv) o enunciado apresenta uma existência material, distinta da enunciação, o que confere ao enunciado um caráter repetível.

Para a análise a seguir esboçada, selecionamos três materialidades que circularam em diferentes *sites* da *web*. Assim, cada subtópico desta seção corresponderá à análise de cada uma das materialidades. Em resumo, o *corpus* é formado textos informativos retirados da *web*, os quais orientam o leitor para três medos considerados bastante contemporâneos: i) o medo de acidentes aéreos; ii) o medo do câncer; iii) o medo de assalto. Vejamos as análises adiante expressas.

2.1. Os perigos do/no ar

No texto a seguir, pode-se especificar de um modo mais detalhado o funcionamento de um discurso do medo materializado em orientações, informações de cunho prático para as pessoas que cultivam o hábito de utilizar o transporte aéreo. Embora o texto contenha uma série de imagens de areoaves, mostrando as partes que as compõe, bem como de restos de aviões acidentados, optamos por centrar nosso olhar sobre os enunciados linguísticos, a despeito de reconhecermos o papel crucial exercido pela imagem na construção híbrida dos

discursos na *web*, aqui pensados sob o efeito da materialidade repetível do enunciado. Dessa maneira, observemos os fragmentos que seguem.

A ciência explica: Saiba o que acontece com seu corpo em um acidente de avião²

Tragédias são raras, mas podem acontecer. Veja como funciona uma aeronave de hoje

Claro, pode-se argumentar que a parte mais assustadora de voar é estar em um gigante tubo de metal arremessado através da atmosfera. Mas não ter controle sobre as coisas podem dar errado é mais apavorante. Quando o avião apresenta turbulência ou fará uma queda perigosa, o trabalho dos assistentes de voo é manter todos calmos. Só que ter calma neste momento é coisa mais difícil do mundo, certo?

Em caso de um acidente, dependendo da velocidade de impacto, é provável que o seu corpo (que é de 70% de água) vai explodir. E se isso não acontecer, a explosão do avião certamente irá cuidar do resto. Cintos de segurança devem ter alças. Durante um acidente em uma velocidade mais lenta, as alças nos ombro poderiam salvar vidas, deixando as vítimas somente com hematomas *no peito*.

Cada uma das partes do avião é fabricada com os materiais mais baratos possíveis para reduzir o custo.

Se o seu avião atinge a água e você sobrevive, há uma chance de que você tenha hipotermia, o que, em águas frias, pode te matar em segundos. Se sua cabeça ficar debaixo d'água por algum tempo, a funcionalidade do cérebro pode ser prejudicada.

43 a 54% dos pilotos admitiram ter adormecido nas cabines durante um voo. Um terço deles já tiveram a experiência de acordar e também encontrar seu parceiro adormecido.

Às vezes, as companhias aéreas cortam custos e economizam no combustível, forçando aviões a descolar com menos do que a quantidade recomendada. (R7, 23/03/2015).

Ao discorrer acerca dos não-lugares, Augé (2005) assinala que vivemos numa sociedade caracterizada por lugares que não remontam a lugares antigos, pois se constituem a partir do provisório, do efêmero, da passagem. Nas palavras de Augé (2005), nascemos numa clínica e morremos num hospital, e, ao longo de nossa trajetória, frequentamos outros lugares também provisórios, como clubes de férias, acampamentos, hotéis, parques, aeroportos, estações ferroviárias, meios de transporte, dentre outros. Dessa maneira, interessa-nos pensar o itinerário de um voo enquanto uma categoria desses não-lugares, os quais põem o sujeito em contato com uma outra imagem de si mesmo (AUGÉ, 2005). A despeito de caracterizar-se pela fugacidade, o voo suscita perigos, para os quais os cuidados a serem tomados parecem

² Disponível em: <<http://noticias.r7.com/tecnologia-e-ciencia/fotos/a-ciencia-explica-saiba-o-que-acontece-com-seu-corpo-em-um-acidente-de-aviao-23032015#!/foto/1>>. Acesso em: 25. mar. 2015.

incipientes, dada a gravidade da situação, no caso de um acidente. Assim, nos enunciados anteriormente expressos, a posição do sujeito que enuncia, explicando a partir de saberes científicos, produz efeitos de sentido relativos ao pavor que esse episódio pode provocar. Nesse sentido, convém antecipar que o sujeito, a despeito de apontar para a raridade no número de ocorrências desse tipo de acidente, sinaliza para as possibilidades de que isso venha a ocorrer, de modo a recrudescer a sensação de insegurança já existente, em diversos setores da sociedade, ou nos termos de Bauman (2008), o medo que satura nossas rotinas diárias.

O verbo no modo imperativo (“Saiba”) insere esse enunciado num determinado campo do saber, entendido como o lugar do esclarecimento, em que se supõe um sujeito a ser informado sobre um tema de considerável relevância, principalmente quando se pensa na maciça cobertura da mídia, no que se refere aos casos de acidentes aéreos. É justamente a partir desse saber que o sujeito enunciador recorre a estatísticas (“43 a 54% dos pilotos admitiram ter adormecido”, “70 % de água”), às consequências advindas de um impacto do avião na água (“há uma chance de que você tenha hipotermia”), ao funcionamento da aeronave (“Cada uma das partes do avião é fabricada com os materiais mais baratos possíveis para reduzir o custo”). Tem-se, em resumo, um lugar de fala marcado por verdades cientificamente engendradas e, portanto, passíveis de retratar a realidade, pois são informações seguras e, em certa medida, irrefutáveis. Além disso, essa voz apresenta um tom sarcástico, em passagens como “a explosão do avião certamente irá cuidar do resto”, compondo uma curiosa simbiose de variações nos planos de fala.

Embora a posição sujeito, em algumas passagens do texto, advogue em favor do comportamento a ser tomado frente a um acidente, questionando, inclusive, a calma a ser mantida pelos passageiros (“Só que ter calma neste momento é coisa mais difícil do mundo, certo?”), o texto, no aspecto global, apresenta enunciados os quais sugerem um clima de uma insegurança constante, em se tratando de transporte aéreo. Essa atmosfera de desconfiança é reforçada pela apresentação, em *flashes*, de algumas fragilidades desse tipo de transporte. Destarte, quando o sujeito enunciador descreve a composição da aeronave, realça que esta é fabricada por materiais de baixo custo. Esse aspecto, a nosso ver, somado com a informação de que, ocasionalmente, as aeronaves decolam com menos combustível que o ideal, acentuam o sentimento de insegurança, pois parece descortinar uma série de práticas potencialmente funestas à integridade física dos passageiros. A preservação da vida (FOUCAULT, 2008)

encontra-se solapada, em função de determinadas práticas, realizadas em surdina, desconhecidas de boa parte dos usuários desse serviço.

As suposições concernentes à possibilidade da aeronave cair no mar igualmente produzem efeitos de sentido de pânico, uma vez que são escassas as chances de sobrevivência. Em conjunto, os enunciados presentes na materialidade em foco emolduram, por meio de uma instância de diferenciação (FOUCAULT, 2010b), o objeto sobre qual falam. No conjunto de todos os medos contemporâneos, os enunciados compõem um lugar enunciativo para alertar acerca dos perigos inerentes ao transporte aéreo, apontando para uma posição segundo a qual os sujeitos que utilizam esse tipo de transporte não estão totalmente seguros. Fulgura-se, nos termos de Courtine (2008), um governo pelo medo, a partir do qual provêm determinados tipos de subjetividade. Estar em alerta parece ser a lógica que arregimenta esse modo de gestão de si. A mídia instaura, pois, modos de relacionar-se com esses perigos, na medida em que é preciso estar informado dos riscos, do funcionamento das aeronaves, do uso adequado do cinto de segurança, do comportamento dos pilotos a bordo, com vistas a contornar esse medo do administrável (BAUMAN, 2008), engendrado pelas ameaças do/no ar.

2.2. Os perigos do/no corpo

Os enunciados que seguem compõem um discurso de cuidado em relação à saúde, alardeado com bastante recorrência na mídia. Esse discurso está em sintonia com uma série de práticas de feições biopolíticas (FOUCAULT, 2007; 2008), voltadas, sobretudo, à conservação da vida, do bem-estar, da longevidade, dentre outros aspectos, os quais tencionam retardar o espectro da morte, tornando-a tabu, vergonhosa (FOUCAULT, 2006; CERTEAU, 1998), adiável. Lutar contra as viscosidades demasiadamente humanas do corpo tem sido a meta pretendida por saberes clínicos (FOUCAULT, 2001) e especializados, emulados pela chamada medicina preventiva, cujos desdobramentos fermentam a aparição um discurso do risco. Nas palavras de Bauman (2008), tem-se um dos medos atinentes à debilidade de nossos corpos, para os quais se endereça toda sorte de mecanismos estéticos, dietas, treinamento corporal, *fitness*, por exemplo, com vistas a relativizar os efeitos de nossa finitude congênita.

Os saberes responsáveis por enlaçar esse cuidado com a saúde a um discurso do medo ancoram-se em estatísticas e testes, configurados por meio do exame de sinais, sintomas, indícios, nesse espaço de manifestação sensível (FOUCAULT, 2001), a serem meticulosamente levados em consideração, quando aparecem com frequência. Vejamos, nos fragmentos a seguir, as estratégias que assinalam o funcionamento desse discurso.

Sinais e Sintomas mais comuns do Câncer³

É importante conhecer alguns dos sinais e sintomas mais comuns do câncer. Mas lembre-se, ter um desses sintomas não significa que você tenha câncer, pois muitas outras coisas também podem causar esses sinais e sintomas. Entretanto, se você tiver algum destes sintomas, por um longo período de tempo ou se piorarem, consulte um médico para descobrir a causa.

Perda de Peso Inexplicada - A maioria das pessoas com câncer perderão peso em algum momento. Uma perda de peso inexplicada de 10 quilos ou mais pode ser o primeiro sinal de câncer. Isso acontece na maioria das vezes com o câncer de pâncreas, estômago, esôfago ou de pulmão.

Febre - A febre é muito comum em pessoas com câncer, mas isso geralmente acontece com a disseminação da doença. Quase todos os pacientes com câncer terão febre em algum momento, principalmente se a doença ou o tratamento afeta o sistema imunológico. Com menos frequência, a febre pode ser um sinal precoce de um câncer, como leucemia ou linfoma.

Fadiga - A fadiga é um cansaço extremo que não melhora com o repouso. Ela pode ser um sintoma importante quando o câncer está se desenvolvendo, como a leucemia. Alguns tipos de câncer de cólon ou de estômago podem causar perda de sangue sem razão aparente, o que é outra forma do câncer provocar fadiga.

Dor - A dor pode ser um sintoma precoce de alguns tipos de câncer, como tumor ósseo ou câncer de testículo. Dor de cabeça que não passa ou melhora com tratamento pode ser um sintoma de um tumor cerebral. Dor nas costas pode ser um sintoma de câncer colorretal ou de ovário. Na maioria das vezes, a dor devido ao câncer significa que a doença já se disseminou.

Alterações na Pele - O câncer de pele e alguns outros tipos de câncer podem causar alterações na pele, como hiperpigmentação, icterícia, eritema ou prurido. (Oncoguia, 13/05/2014).

Assim como na seção anterior, os enunciados antes expressos caracterizam-se por uma materialidade repetível, corporificada num efeito de enumeração, numa certa completude de sentidos, em relação ao tema tratado, num tom professoral. Tanto no que tange às informações acerca dos acidentes, quanto nos sinais do câncer, o sujeito que enuncia evoca um cabedal de verdades, apresentado como o lugar do saber e do esclarecimento. Especialmente nos enunciados acerca do câncer, esse efeito é intensifico, na medida em que se trata de um *site*

³ Disponível em: <<http://www.oncoguia.org.br/conteudo/sinais-e-sintomas-mais-comuns-do-cancer/5574/761/>>. Acesso em: 10. Jan. 2015.

especializado em divulgar informações sobre essa doença, e, mesmo que não haja a indicação do nome do autor, com as devidas credenciais acadêmicas, por exemplo, observamos o funcionamento da função enunciativa, a partir do modo como a posição sujeito se estabelece, na conjunção com os saberes mobilizados para a construção desse discurso. A interpelação do sujeito leitor (“Mas lembre-se...”), num domínio associado, leva-nos ao olhar e à fala do médico, cujo saber nos objetiva/subjetiva, pois determina certas condutas e maneiras de nos relacionarmos com os nossos corpos (“consulte um médico para descobrir a causa”).

Essa voz anônima, configurada no esteio do saber clínico, sugere um cuidado com os sintomas, comumente tidos como despercebidos e/ou pouco relevantes, pois, ao enumerar os sinais indicadores do câncer, constrói sentidos que sustentam a insegurança e a fragilidade dos corpos. Tem-se, portanto, um quadro, evidenciado através dos primeiros sintomas (“o primeiro sinal de câncer”), de um prognóstico envolto por um saber do campo da lógica e da probabilidade (“Quase todos os pacientes com câncer terão febre”; “na maioria das vezes...”, “uma perda de peso inexplicada de 10 quilos”). O uso reiterado de modalizadores inscreve esses dizeres no âmbito das possibilidades, pois não se trata de um diagnóstico preciso, mas de indícios, sinais, os quais não podem ser negligenciados. Se todos potencialmente podem estar doentes, aumenta ainda mais a sensação de pavor do sujeito hodierno, envolto nessa aura de insegurança, no que se refere, principalmente, à questão da saúde. Ser doente, nesse sentido, contraria uma lógica que preconiza uma vida saudável como uma exigência, como condição *sina que non* para a efetivação de uma existência feliz. Conforme assinala Sousa (2014), a saúde tem sido colocada, em diversos discursos que circulam na atualidade, como a solução para todos os problemas do dispositivo de segurança.

Para Foucault (2008), o biopoder constitui uma série de mecanismos que faz com que características biológicas fundamentais configuram-se em estratégias políticas, em exercício de poder. Ora, toda essa preocupação contemporânea com a saúde, discursivizada numa miríade de materialidades, assenta-se nessa relação de saber-poder, cujo foco incide sobre a manutenção e o governo da vida. A análise esboçada visa a demonstrar como determinadas estratégias que instauram um discurso do medo subjazem a esse cuidado com a vida. Noutros termos, é o medo de ter câncer e, portanto, vir a morrer, o fator que justifica esse governo de si, essa temperança no tocante aos sinais do corpo, encarado como um objeto de permanente desconfiança (“perda de sangue sem razão aparente”), pois parece encarnar, na sua natureza finita e perecível, toda espécie de perigos.

2.3. Os perigos do/ no outro

O outro, conforme preconizam as abordagens psicanalíticas, constitui nossa ameaça, aquilo a que somos reféns, de acordo com o propalado axioma freudiano do *estranho familiar*. Além desse outro do nível do inconsciente, o que sempre despertou certa cisma, no decurso da história, foi a aversão ao forasteiro, ao bárbaro, ao estranho, vistos sempre como suspeitos e inquietantes (DELUMEAU, 2009). Nos discursos que apontam para um cenário de insegurança do cotidiano urbano dos dias de hoje, vemos certas permanências nos modos de conceber esse outro, abrigo de um perigo em potencial, desde os últimos séculos da história ocidental. O outro como uma ameaça subsidia todo o arsenal demandado em busca de uma segurança nos grandes centros urbanos. O estranho, próximo ou distante, carrega consigo todo o espectro do mal. Disso advêm todo o investimento vertiginoso nas tecnologias de vigilância e espionagem, dotadas da capacidade de agir a distância e de modo autônomo (BAUMAN, 2013), bem como o incremento de mecanismos de defesa pessoal, com vistas a resguardar a integridade física dos sujeitos da maleficência humana (BAUMAN, 2008). Ergue-se toda uma arquitetura do medo, da incerteza e do risco (cf. BAUMAN, 2009), materializada nos altos muros dos condomínios fechados, cercados por câmeras e cercas elétricas, de modo que “construtoras e imobiliárias fazem uso produtivo do medo para vender segurança em seus empreendimentos” (SOUSA, 2014, p.144). Endossando esse quadro, a mídia, ao noticiar cotidianamente alguns dos delitos ocorridos nos grandes centros urbanos, agencia determinados sentidos que apontam para a iminência de uma catástrofe, principalmente no que tange à questão da violência, em seus mais diferentes graus e modalidades.

Junto a essa espetacularização da violência, é possível entrever a emergência de uma porção de discursividades voltadas a propor condutas do sujeito, no que respeita aos cuidados a serem tomados em casos de assalto. Os enunciados a seguir constituem um recorte dessa produção discursiva, cujos desdobramentos nutrem o espectro do medo, fazendo funcionar a teia de saberes e de práticas do dispositivo de segurança.

Como agir com segurança durante um assalto⁴

A melhor forma de agir com segurança durante um assalto é procurar manter a tranquilidade. Fugir, reagir, gritar ou irritar o criminoso pode colocar em risco a vida da vítima e de outras pessoas envolvidas. Para esclarecer a questão, o tenente Pedro Luiz, da Polícia Militar de São Paulo, chefe do setor de Análise Criminal do Comando de Policiamento da Capital dá algumas orientações básicas. Confira a seguir.

1. Como reagir ao ser abordado pelos criminosos?

A abordagem do assaltante é o momento mais delicado para as duas partes. Procurar demonstrar tranquilidade é a forma mais inteligente para prevenir eventuais hostilidades. O ser humano, enquanto vítima de violência, tem a percepção alterada pelo stress emocional, o que pode ser mortal, pois quase sempre os assaltantes agem em bandos. [...]

4. Grito por socorro ou me rendo?

O grito pode operar como detonador de uma reação indesejada por parte do assaltante. O ideal seria se a vítima conseguisse agir com tranquilidade suficiente e tentar gravar na memória as características físicas do assaltante, meio e direção utilizada para a fuga. Isso facilitaria o trabalho posterior de captura dos criminosos pela Polícia. [...]

7. Durante o assalto, posso puxar conversa com o ladrão ou é melhor ficar quieto?

É importante ter em mente que o assaltante tem objetivos claros. Forçar uma conversa com o assaltante pode ser interpretado como uma tentativa de assumir o controle da situação. Portanto, só fale quando for perguntado. (VEJA, 2009).

Nos excertos supracitados, a voz de um especialista na área de segurança ensina o modo como o sujeito leitor deve se comportar ante uma tentativa de assalto. Conforme indica o especialista, é necessário ter tranquilidade diante do perigo que o outro representa. Agir com cautela constitui, portanto, uma espécie de governo incidido sobre o corpo, cujos movimentos precisam ser calculados, disciplinados. Esse lugar de fala assumido pelo especialista de segurança diz daquilo que estamos nos tornando na relação com o outro, no seio das grandes cidades. A frieza e indiferença (HAROCHE, 2008), já bastante discutida no tocante à nulidade das massas na urbe, parece ser útil também nos casos em que nossa integridade física, mais precisamente a nossa vida, encontra-se ameaçada. Não é precipitado afirmar que o medo sustenta essa cautela. O medo desse outro que não age sozinho (“em bandos”), que nos imobiliza e nos desconcerta agencia o comportamento a ser adotado numa situação de risco. Nessa lógica, urge pensar no efeito circular assumido por esses discursos sobre o medo da violência nos diversos veículos midiáticos, pois, ao mesmo tempo em que a mídia exhibe, às

⁴ Disponível em: <http://veja.abril.com.br/idade/exclusivo/perguntas_respostas/como-agir-assaltos/como-agir-seguranca-durante-assalto.shtml>. Acesso em: 04. jan. 2015.

vezes de modo excessivo, diversas referências ao um aumento descomunal da violência, orienta-nos a lidar com esse fenômeno.

“Somos sempre os estrangeiros do outro”, sentencia Bauman (2009, p.74), ao discutir os efeitos dessa cultura do medo na produção de subjetividades na atualidade. A nosso ver, a produção ininterrupta de discursividades em torno do medo engendra a emergência da incerteza e desconfiança em relação ao outro, dado que, mesmo os mais próximos, podem ser concebidos como duvidosos e inimigos, haja vista, por exemplo, o consistente interesse de diversos setores da mídia, em destacar os riscos provenientes diversos tipos de psicopatias – outra faceta dessa robusta produção discursiva – e os reflexos disso na sociedade em geral. Nos casos de uma ameaça explícita, de acordo com os enunciados anteriormente expressos, é preciso neutralizar o receio e convertê-lo numa suposta tranquilidade.

Na materialidade dos excertos, vale salientar os efeitos de sentido produzidos em função das perguntas, encaradas como dúvidas seminais de todos que habitam as cidades, que já passaram e/ou temem passar por uma situação de assalto. Essa peculiaridade da natureza repetível dos enunciados acentua essa função pedagógica, atribuída à mídia, no intuito de criar estratégias voltadas a produzir um governo de si e dos outros (FOUCAULT, 2010a), na espessa cadeia de saberes e poderes do dispositivo de segurança. A posição sujeito enunciator toma para si esse lugar do esclarecimento, ao demonstrar a garantia da segurança no decorrer de um assalto, o que pode ser de utilidade noutras ocasiões de semelhante aflição.

Comentários finais

*“tenho medo desses lugares,
Sam, não posso nem entrar.”
(Charles Bukowski)*

As discussões fomentadas neste escrito tomaram como ponto de sustentação a possibilidade de analisarmos alguns discursos midiáticos, no intuito de traçarmos uma ligação entre os efeitos de sentido relativos ao medo e o agenciamento de um governo de si no cerne de um dispositivo de segurança, conforme postulado por Foucault (2008). Partimos da constatação de Courtine (2008), segundo a qual a mídia tem investido fortemente no sentido de produzir e fazer circular uma série de discursividades caracterizadas por uma referência ao medo, de maneira a produzir uma espécie de governo pelo medo. Nas reflexões foucaultianas,

o governo compreende as diversas formas de produção de subjetividade, na relação do sujeito consigo mesmo e com os outros, emolduradas a partir das mais variadas mecanismos de saber-poder. O dispositivo de segurança, entrelaçado à manutenção de uma cultura do medo, ampara discursos que fazem emergir determinados comportamentos, condutas, maneiras de ser e estar no mundo, visando conservar a vida dos sujeitos, no interior de um contingente populacional.

Os discursos midiáticos pautam-se em estratégias repetíveis de produção de enunciados a respeito do modo como devemos agir em relação aos perigos que ameaçam a nossa existência. Para este texto, selecionamos três medos, circunscritos por instâncias de delimitação: o medo de acidentes aéreos, o medo do câncer e o medo de assalto. Apesar de demarcado em suas especificidades, os enunciados em torno desses três medos articulam-se ao medo da ameaça à vida, lógica que alicerça o dispositivo de segurança e as biopolíticas contemporâneas. Nessa rede de saber-poder, a mídia constrói sentidos, baseados no caráter de completude e evidência de saberes especializados, voltados a orientar os cuidados a serem tomados em situações de risco. Vejamos, portanto, o lugar de fala assumido em relação aos acidentes aéreos, aos sintomas do câncer e à postura a ser adotada no caso de um assalto. Em todos esses enunciados, tem-se um tom pedagogizante, assentado, sobretudo, no discurso do medo, corporificado em dicas e orientações.

O rápido exercício genealógico acerca do medo permitiu-nos corroborar que, a despeito das inalienáveis distinções disparatadas ao longo da história, os medos perduram no tempo, metamorfoseados sob diferentes vieses, embalados por estratégias de controle dos sujeitos. Trata-se de distinções marcadas na palavra, razão pela qual alcançamos identificar e interpretar os efeitos dessa "cultura do medo", que se cristaliza na memória coletiva e cultural, embora reconheçamos, como Bauman (2009), "que somos sempre os estrangeiros do outro". Em suma, o medo do poema drummondiano, o medo de Montaigne, o medo do velho Bukowski, em espiral, assinalam *flashes* de um governo de nós mesmos, no interior de determinadas descontinuidades.

Recebido em: abril de 2015
Aprovado em: junho de 2015
franciscovieirariacho@hotmail.com

Referências bibliográficas

ANDRADE, C. D. *Poesia completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002.

AUGÉ, M. *Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Trad. Maria Lúcia Pereira. Campinas: Papyrus, 2005.

BAUMAN, Z. *Vidas desperdiçadas*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2005.

_____. *Medo líquido*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2008.

_____. *Confiança e medo na cidade*. Trad. Eliana Aguillar. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2009.

_____. *Vigilância líquida*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2013.

BUKOWSKI, C. *O amor é um cão dos diabos*. Trad. Pedro Gonzaga. Porto Alegre: L & PM Editores, 2014.

CERTEAU, M. *A invenção do cotidiano: 1. artes do fazer*. Trad. Ephraim P. Alves. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.

COURTINE, J. J. Discursos líquidos, discursos sólidos: a mutação das discursividades contemporâneas. In: SARGENTINI, V.; GREGOLIN, M. R. (Org.). *Análise do discurso: heranças, métodos e objetos*. São Carlos: Editora Claraluz, 2008, p.11-19.

_____. *Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos*. São Carlos: EdUFSCAR, 2009.

DELUMEAU, J. *História do medo no Ocidente 1300-1800: uma cidade sitiada*. Trad. Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

EGIDO, A. A memória e o Quixote. In: VIEIRA, M. A. C. (Org.). *Dom Quixote: a Letra e os Caminhos*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006, p.101-138.

FISCHER, R. M. B. *Trabalhar com Foucault: arqueologia de uma paixão*. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

FOUCAULT, M. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Trad. Raquel Ramallete. Petrópolis: Editora Vozes, 1999.

_____. *O nascimento da clínica*. Trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.

_____. *Em defesa da sociedade: curso no Collège de France (1975-1976)*. Trad. Maria Emartina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2005a.

_____. Retornar à História. In: _____. *Arqueologia das ciências e histórias de pensamento*. Trad. Elisa Monteiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005b.

_____. *A Hermenêutica do sujeito*. Trad. Márcio Alves da Fonseca & Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

_____. *História da Sexualidade I: a vontade de saber*. Trad. Maria Thereza C. Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. São Paulo: Graal Edições, 2007.

_____. *Segurança, território, população*; curso dado ao Collège de France (1977-1978). Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

_____. *O governo de si e dos outros*; curso no Collège de France (1982-1983). Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010a.

_____. *A arqueologia do saber*. Trad. Luiz Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010b.

GREGOLIN, M. R. A mídia e a espetacularização da cultura. In: _____. *Discurso e mídia: a cultura do espetáculo*. São Carlos: Editora Claraluz, 2003.

HAROCHE, C. *A condição sensível: formas e maneiras de sentir no Ocidente*. Trad. Jacy Alves de Seixas e Vera Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Contracapa, 2008.

MONTAIGNE, M. *Os ensaios: livro I*. Trad. Rosemary Costhek Abílio. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

MILANEZ, N. A cuca vai pegar! Medidas do corpo no caldeirão discursivo do medo, *Acta Scientiarum. Language and Culture*, Maringá, v.33, n.2, p.251-258, 2011. Disponível em: <<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciLangCult/article/view/14338/14338>>. Acesso em: 20. jun. 2014.

SOUSA, K. M. Dispositivo de segurança nos discursos do cotidiano urbano: o jogo entre medo e bem-estar. In: JÚNIOR, A. F.; SOUSA, K. M. (Orgs). *Dispositivos de poder em Foucault: práticas e discursos da atualidade*. Goiânia: Gráfica UFG, 2014, p. 123-148.

_____. *Dispositivos de poder em Foucault: práticas e discursos da atualidade*. Goiânia: Gráfica UFG, 2014.